

Además del Padre

André Soares da Cunha**
Marcelo Ricardo Pereira***

* Esse trabalho recupera parte da pesquisa de Mestrado intitulada “Mater semper certa est, pater semper incertus est: vida escolar de adolescentes”, desenvolvida na Linha de Pesquisa Psicologia, Psicanálise e Educação, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil), sob orientação do Professor Doutor Marcelo Ricardo Pereira, defendida em 30 de Julho de 2013.

** Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil. Mestre em Educação-Rua Turquesa, 1153/07 - Prado-Belo Horizonte/MG-Brasil - CEP: 30411-288. andrescunha@yahoo.com.br

*** Universidade Federal de Minas Gerais/Brasil. Pós-Doutor em Psicologia, Psicanálise e Psicopatologia Clínica - Av. Antônio Carlos, 6627 - FaE-sala 1611 - Cidade Universitária/Pampulha Belo Horizonte/MG-Brasil-CEP: 31270901. marcelorip@hotmail.com

Para além do Pai*

Cómo citar este artículo: Soares, A. & Pereira, M. R. (2015).
Para além do Pai. *Revista Tesis Psicológica*, 10(1), 30-44.

Recibido: enero 21 de 2015
Revisado: febrero 2 de 2015
Aprobado: mayo 1 de 2015

RESUMEN

Esta investigación tiene como escenario el malestar en la educación de Brasil e investigó posibles consecuencias en la vida escolar de adolescentes a partir de la forma de su entorno familiar. El tema fue abordado por el sesgo del psicoanálisis de orientación lacaniana en un intento de responder a la siguiente pregunta: ¿Estudiantes provenientes de entornos familiares diferentes al modelo de padre, madre e hijo(s) biológico(s) contribuyen al aumento de los problemas en la escuela? Los principales instrumentos de recolección de datos fueron entrevistas semiestructuradas con 14 estudiantes de 3 escuelas y la investigación documental en relación a los estudiantes, como boletines escolares y libros de ocurrencias. Entre las observaciones realizadas a partir del análisis de los datos, se destaca la relación de dos adolescentes y sus madres, con la hipótesis de que esas alumnas tienen una relación arcaica con sus respectivas progenitoras, en una especie de separación siempre postergada, lo que parece influenciar en el éxito de la vida escolar de las estudiantes. En ese sentido, se percibió que puede haber un nuevo patrón estructural de la adolescencia contemporánea, en lo que se refiere al choque de los sujetos frente al horror de la feminidad. Por lo tanto, la separación siempre postpuesta entre hijos/as y madres parece ser cada vez más postergada, así como el hecho de que el choque de la feminidad se va tornando más importante que la función paterna en la constitución de los adolescentes contemporáneos. El sistema escolar - al no conseguir lidiar con tales variables-puede contribuir más al fracaso académico de los adolescentes de que la forma como la familia de los estudiantes es compuesta.

Palabras clave: Psicoanálisis, educación, adolescencia, familia, escuela, feminidad.

RESUMO

Esta pesquisa encontra-se no cenário de mal-estar na educação do Brasil e investigou possíveis consequências na vida escolar de adolescentes a partir do modo das suas configurações familiares. A questão foi abordada pelo viés da Psicanálise de orientação lacaniana na tentativa de responder a seguinte questão: alunos provenientes das configurações familiares distintas do modelo pai, mãe e filho(s) biológico(s) contribuem para o aumento dos problemas na escola? Os principais instrumentos de coleta de dados foram entrevistas do tipo semiestructurada com 14 estudantes de 3 escolas e pesquisa documental em relação aos alunos, como boletins escolares e livros de ocorrências. Dentre as observações feitas a partir da análise dos dados, destaca-se a relação de duas adolescentes e suas mães, com a hipótese de que essas alunas apresentam uma relação arcaica com suas respectivas genitoras, em uma espécie de separação sempre adiada-o que parece influenciar na vida escolar de sucesso das alunas. Nesse sentido, percebeu-se que é possível haver um novo padrão estruturante da adolescência contemporânea, no que se refere ao embate dos sujeitos frente ao horror da feminilidade. Portanto, a separação sempre adiada entre filhos/as e mães parece ser cada vez mais procrastinada, bem como o fato de que o embate da feminilidade vem se tornando mais importante do que a função paterna na constituição dos adolescentes contemporâneos. O sistema escolar-por não conseguir lidar com tais variáveis-pode contribuir mais para o fracasso escolar dos adolescentes do que a forma como a família dos estudantes é composta.

Palavras-chave: Psicanálise, educação, adolescência, família, escola, feminilidade.

Introdução

Entre as diversas situações observadas no cenário das escolas brasileiras, destaca-se o discurso que relaciona diretamente a configuração familiar dos alunos (principalmente a falta de uma figura masculina) com problemas vivenciados na escola. Isso levaria a crer que, nostalgicamente, a manutenção da ordem nas escolas ocorreria a partir da restituição da autoridade do pai (ou masculina). Nesse sentido, questiona-se: até que ponto aqueles alunos provenientes das configurações familiares distintas da dita tradicional (pai, mãe e prole) podem contribuir para o aumento dos problemas na escola?

Para tentar responder à questão, é preciso fazer um embasamento teórico e histórico. De modo geral, tanto Roudinesco (2003), quanto Costa (2004) concordam quanto às fases de transformações da família ao longo de tempos mais recentes, que teve a perda do poder patriarcal como uma de suas causas principais. Nesse sentido, Roudinesco (2003), conclui que a família do final do século XIX começou a centrar-se no amor e a desvincular-se do casamento.

Para tanto, contou com o apoio da ciência (reprodução *in vitro*, por exemplo) e da justiça (adoções) para conseguir filhos. Por isso, homossexuais, mães solteiras e casais que trazem filhos de outros relacionamentos passaram a constituir os diversos núcleos familiares da atualidade - nos quais a figura paterna não é mais tão relevante como era em tempos anteriores. Cabe ressaltar que os trabalhos analisados atestam que essa realidade não representa o fim da família e, sim, a sua reestruturação.

Para compreender melhor o objeto de estudo deste trabalho, é preciso conceituar o termo *pai* na Psicanálise, além de destacar brevemente parte de sua importância na formação psíquica

dos sujeitos. Em *Totem e tabu* (1974), Freud inventa um mito de influência darwinista, baseado na antropologia cultural de sua época, para descrever o pai primevo como violento, ciumento e detentor de todas as fêmeas de uma horda que se encontra na passagem entre a natureza e a cultura. Nesse mito, os outros machos viviam excluídos e em celibato, até que em certo dia todos esses filhos se reuniram, mataram, e devoraram o pai. Com isso, a horda de homínidos termina dando início, de um só golpe, a uma sociedade paterna, ao mesmo tempo pranteada e celebrada por uma sociedade fraterna.

Em *Moisés e o monoteísmo* (1975), o autor afirma que o cristianismo originou-se de uma religião paterna (Deus Pai), mas tornou-se uma religião filial (Jesus Cristo); portanto, não fugiu do destino de liquidar o pai. Cabe ressaltar que, com esse livro, o autor introduzirá uma espécie de modalização do pai que o faz deslizar da condição de pai tirano, descrito em *Totem e tabu*, para o pai amoroso, que ama a todos os filhos igualmente e que é capaz de sacrificar-se por todos eles, representado na figura bíblica de Moisés.

Com isso, Freud (1975) teoriza a pluralidade do pai contemporâneo, que se acha no intervalo entre o tirano e o amoroso, sem conhecer um modelo essencial de sê-lo. É isso que o faz ser sempre interrogado sobre seu poder. Mais tarde, Lacan (2005) desdobrará e ampliará tal teoria, propondo o conceito de Nomes-do-Pai, para dizer que vários são os nomes que o representam e nenhum é capaz de dizer ao certo o que ele é. Portanto, a função paterna é uma metáfora - uma vez que o pai está morto e o seu lugar está vazio, de acordo com o mito freudiano.

Em suas obras, Freud utiliza-se com maior frequência do termo *puberdade* se comparado ao de *adolescência*, já que em sua época aquele era o termo mais empregado para nomear os sujeitos

que deixaram de ser crianças, mas que ainda não alcançaram a idade adulta. Podemos considerar hoje a puberdade como o que se refere às irrupções no corpo comuns à idade dos púberes, e a adolescência como materialização psíquica e social da própria irrupção da puberdade e do período de transição vivido a partir dela.

Melman (1999) caracteriza a adolescência na nossa cultura como a representação da crise psíquica. Tal crise, segundo o autor, define-se como “o momento em que um sujeito não encontra o lugar de seu gozo” (Melman, 1999, p. 30). A criança considera que o adulto seria aquele que já conquistou o seu gozo e, por isso, ela espera também receber ao longo do tempo os instrumentos necessários para conseguir a sua satisfação. Para tanto, é capaz de renunciar à sexualidade infantil e pode aceitar a interdição do incesto e do parricídio. Contudo, o adolescente percebe que o adulto, inclusive os seus pais, não passam de sujeitos castrados, cujo gozo é deficitário.

Rassial (1999) corrobora tais ideias ao afirmar que a adolescência é o momento em que a criança descobre que foi enganada pela promessa do complexo de Édipo. Durante a infância dos filhos, os pais funcionavam facilmente para eles no registro do ideal, mas perdem esse lugar no contexto da adolescência. Ao perceber a incompletude desses adultos, o adolescente tende a afastar-se dos seus pais em direção aos seus antecessores (como os avós). Isso porque “ele percebe que aceitando esse ingresso terá de pagar, de alguma forma, pela deficiência de seus próprios pais com relação ao ideal constituído pelos ancestrais” (Melman, 1999, p.33). O adolescente, portanto, é constitutivamente o responsável pela suposta dívida dos seus pais com seus antecessores.

Freud (1987) apresenta a consideração frequente sobre a importância do complexo de Édipo na sexualidade da primeira infância. Depois desse

período, inicia-se a sua dissolução até o período de latência. O autor assume que não conhece exatamente as causas de tal feito, mas acredita ser a consequência de grandes desapontamentos sofridos pelo sujeito. No caso da menina, ela acreditava ser o objeto de amor mais valorizado de seu pai; já o menino costumava considerar a mãe como sua propriedade. Contudo, ambos percebem que tais sentimentos não se efetivam. Por isso, o complexo de Édipo mostra a sua impossibilidade constitutiva.

Rassial (1999) afirma que o adolescente começa a buscar algum auxílio em outros lugares ao perceber que não pode apoiar-se em seus pais, ao descobrir que estes são castrados. Além disso, ele percebe que o acesso à sexualidade se dá de maneira muito mais complexa do que o imaginado. Nota-se, portanto, que uma das principais características que distingue a infância da puberdade é o afrouxamento dos adolescentes dos laços com a família e, como consequência, a sua entrada na vida social.

Melman (1997) afirma que, biologicamente, o corpo do adolescente já está pronto para as práticas reprodutivas e, além disso, ele se depara com os desejos sexuais. Contudo, o adolescente é juridicamente considerado incapaz para a realização de tais atos. Nesse sentido, o adolescente é aquele que alcançou a maturidade, mas essa não é reconhecida simbolicamente, uma vez que as transformações orgânicas do indivíduo são negadas por questões sociais. O adolescente depara-se então com o embate entre o real do sexo e a ordem simbólica da sociedade na qual ele está inserido. Por isso, a sexualidade é vivida por ele como uma doença ou como um infortúnio e, ele, portanto, sente-se sozinho - já que não consegue encontrar apoio em sua família ou no meio social.

A solução normalmente escolhida pelo adolescente para esse impasse é a proximidade das

relações com os seus pares “para tentar sustentar o seu eu, na medida, com efeito, em que não lhe é reconhecida esta identidade sexual” (Melman, 1999, p.22). Tal raciocínio pode explicar os grupos que são normalmente formados por adolescentes, como os *punks*, as gangues de bairro, etc. No caso desta pesquisa, puderam ser percebidos dois importantes grupos sociais dos quais alguns dos sujeitos fazem parte, a saber: a Ordem DeMolay¹ e o Encontro dos Adolescentes com Cristo (EAC)².

Outro paradoxo vivido pelo adolescente e apontado por Melman (1997): ao contrário do que se passa no período de latência - em que o corpo está em relativo estado de equilíbrio, o adolescente é bombardeado por necessidades corpóreas que estão acima de seu controle e podem ir contra o que a sociedade apresenta como norma. Essa seria então a discordância entre os estatutos biológico e social. Somando-se a isso, o adolescente muitas vezes não é considerado preparado socialmente para arcar com a sua emancipação e responsabilidades pela vida sexual, justamente por se encontrar ainda em processo de formação profissional, objetivando a sua independência financeira.

Portanto, a adolescência é a fase na qual o sujeito descobre a farsa que é a promessa do Édipo: a recusa ao incesto e ao parricídio não é recompensada quando a criança cresce. O gozo orientado pelo falo e deixado de lado pela expectativa de alcançá-lo com a maturidade não é alcançado. Em outras palavras, a aceitação do sujeito pelo Nome-do-pai e a consequente

separação da criança do corpo da mãe não encontra a suposta promessa de recompensa.

Sobre essa fase da vida aqui abordada, Freud dedicou uma sessão em *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade* (1996b). Nesse trabalho, o pensador entende que a constituição sexual normal e definitiva inicia-se na infância, período no qual a pulsão sexual era principalmente autoerótica (orientação narcísica). Essa é, inclusive, outra das principais características que difere a puberdade da infância: a passagem do autoerotismo para o heteroerotismo, ou seja, o alvo sexual do sujeito desloca-se do seu próprio corpo para buscar a satisfação no corpo do outro.

Concomitantemente a esse processo, ocorre a predominância da zona sexual genital frente às diversas zonas erógenas e pulsões parciais do período de infância. Agora, o objetivo da pulsão sexual vincula-se à função reprodutora, tornando-se, por isso, altruísta. Freud salienta que esse processo nunca consegue se efetivar completamente, sendo, portanto, a puberdade capaz de produzir neuroses. Por isso, essa fase de desenvolvimento engloba fatores biológicos e psíquicos, além de sociais - conforme já foi exposto. A sexualidade humana está, portanto, atrelada às referências infantis de cada sujeito.

Freud (1996b) remete-se a Theodor Reik e afirma que os ritos da puberdade das sociedades tradicionais têm o objetivo de afrouxar o menino das amarras incestuosas criadas entre ele e sua mãe, além de reconciliá-lo com o seu genitor, a partir de recursos simbólicos. Freud ressalta ainda que, a partir da puberdade, o ser humano precisa fazer com que os laços com sua família sejam desfeitos, sob pena de não conseguir sair do universo infantil para integrar-se à sociedade dos adultos. Contudo, tais ritos encontram-se escassos - se é que existem - na sociedade contemporânea, ou sua eficácia simbólica há muito já se perdeu.

- 1 Instituição filantrópica, com alguns rituais secretos, patrocinada pela Maçonaria e destinada apenas a rapazes entre 13 e 21 anos.
- 2 Grupo composto por adolescentes de ambos os sexos, com o objetivo de estudar a religião católica, bem como a transmissão de valores e princípios cristãos aos jovens.

Metodologia

A escolha dos sujeitos foi feita por meio de indicações das dirigentes de três escolas (duas públicas e uma privada) do interior de Minas Gerais/Brasil. Além disso, foi realizada uma análise documental dos alunos, como boletins e livros de ocorrências. O cruzamento das informações de ambas as fontes de dados possibilitou a escolha dos 14 sujeitos que compuseram esta pesquisa: seis adolescentes que fazem parte de uma família dita não tradicional e que apresentam rendimento e disciplina dentro do esperado pela comunidade escolar; e oito alunos provenientes de configurações familiares consideradas pelas comunidades escolares como influenciadoras do mau rendimento acadêmico e da indisciplina dos adolescentes (veja o quadro abaixo). Todos os sujeitos possuem a faixa etária entre 15 e 17 anos e cursavam, no ano de 2012, o Ensino Médio.

Tabela 1: Adolescentes e conceitos das comunidades escolares³

Adolescentes dentro do esperado pelas comunidades escolares	Adolescentes fora do esperado pelas comunidades escolares
Eduardo: 2º Ano-escola particular	Arthur: 1º Ano-escola pública
Gabriela: 2º Ano-escola particular	Beatriz: 2º Ano-escola pública
Laura: 1º Ano-escola particular	Bruno: 3º Ano-escola particular
Marcela: 1º Ano-escola pública	Geovane: 2º Ano-escola particular
Mariana: 2º Ano-escola particular	Igor: 1º Ano-escola pública
Pedro: 2º Ano-escola pública	Murilo: 2º Ano-escola particular
	Vinicius: 1º Ano-escola pública
	Vitor: 1º Ano-escola pública

A entrevista do tipo semiestruturada com os adolescentes foi outro instrumento usado como coleta dos dados da pesquisa. De modo geral, ela foi norteadada por três eixos centrais: vida social⁴, vida escolar e vida familiar dos

adolescentes. O roteiro das entrevistas foi elaborado a partir de questões nas quais pudessem ser pontos importantes sobre a vida escolar dos sujeitos, como a relação professor-aluno e aluno-aluno; as dificuldades e facilidades dos adolescentes em desenvolverem as atividades escolares, inclusive fora do ambiente escolar; as opiniões e sentimentos dos sujeitos acerca de eventos extracurriculares que exigem a presença tanto do pai, quanto da mãe, por exemplo.

Além disso, novas questões foram elaboradas no momento das entrevistas, a partir de dados inusitados oferecidos eventualmente pelos entrevistados, com o intuito de identificar o que havia de singular em cada sujeito escolhido. As informações colhidas na pesquisa documental foram cruzadas com as categorias extraídas das entrevistas. A partir deste cruzamento, a análise dos dados foi feita com o objetivo de identificar possíveis consequências na vida escolar dos adolescentes, a partir do modo das suas configurações familiares.

Resultados

A partir da análise dos dados, percebe-se uma relação bem próxima de grande parte dos sujeitos com suas mães - ou a figura feminina que representa esse papel - conforme ilustra a fala de Marcela⁵:

Com minha mãe eu converso, compro alguma coisa, eu ligo pra ela pra fazer compra. Eu chamo ela pra ir nadar com meu namorado também [...]. Por exemplo: sexo. Converso tudo com a minha mãe. Tudo. Desde primeira vez, tal. Tomei remédio. Provavelmente eu

estratégia de pesquisa. Considerou-se que esse assunto seria mais atraente para os adolescentes, no sentido de que eles poderiam se sentir mais à vontade em relatar, no início da entrevista, suas experiências relacionadas ao lazer e, ao mesmo tempo, criariam maior liberdade e sentimento de confiança pelo entrevistador.

3 Nomes fictícios.

4 A abordagem sobre a vida social dos sujeitos foi uma

5 Todos os nomes são fictícios.

vou no médico por agora, essas coisas. Tenho uma liberdade enorme com minha mãe. Tudo que acontece eu conto pra ela e vice-versa. Converso da escola, converso do relacionamento, converso coisa em relação ao meu pai.

Além disso, as mães - ou quem ocupe esse papel - são apontadas como grandes incentivadoras dos estudos de vários adolescentes, seja através de exemplos por tal hábito, por imposições de metas em relação às notas escolares, pela compra de materiais de estudo ou mesmo por meio de apoio moral.

Contudo, os exemplos de uma vida acadêmica ativa, bem como o apoio - inclusive financeiro - necessário para a garantia de um sucesso acadêmico não parecem ser suficientes para que o aluno tenha um bom rendimento escolar. Vitor ilustra tal suspeita: seu pai é doutor, sua mãe é pós-graduada e seu irmão é um aluno de um curso de Engenharia em uma renomada instituição pública de ensino superior do estado de São Paulo/Brasil. Contudo, constata-se que o aluno não tem muito interesse pelo saber escolar. Como exemplo, segue uma de suas falas sobre esse assunto:

Pesquisador - *Isso [não gostar de estudar] te gera algum problema?*

Vitor - *Pra minha mãe gera, porque ela quer ver eu estudando, porque eu quero fazer Escola Militar. Aí, ela fala que eu tenho que ficar estudando. Ela já comprou as coisas pra mim e fala assim: "Não, eu quero ver você estudando. Eu vou comprar, mas quero ver você estudando." Aí, normalmente, quando ela chega em casa, eu não tô estudando. Nó! Acha ruim pra caramba.*

Por isso, percebe-se que o incentivo da família aos estudos dos filhos não garante sozinho o bom rendimento acadêmico de alguns alunos.

A mãe, em geral, é vista pelos sujeitos como sensata, amorosa e cheia de princípios socialmente valorizados, como a honestidade. Normalmente, ela é a figura no meio familiar com quem os adolescentes costumam passar mais tempo juntos, além de terem com ela maior liberdade para dialogar sobre vários assuntos, inclusive questões que envolvam a vida íntima dos jovens.

Em contrapartida, as características vinculadas aos pais ditos biológicos dos sujeitos desta pesquisa podem ser socialmente consideradas como negativas: boemia, omissão e/ou violência. Talvez por isso, em muitos casos, aquilo que parece se relacionar com os pais dos sujeitos é por eles desprezado, como algumas áreas profissionais, ou mesmo membros familiares paternos.

Os pais ou as figuras masculinas foram pouco mencionados como incentivadores, ou aqueles que exigem algum tipo de resultado escolar dos sujeitos. Contudo, eles são apontados como influência em outros campos na vida dos adolescentes, como no incentivo ao desenvolvimento de habilidades artísticas, além de capacidades em trabalhos manuais. Portanto, parece que as figuras femininas são as responsáveis pela participação na vida escolar dos adolescentes, enquanto os homens preocupam-se mais com a formação não escolar dos jovens.

Percebe-se que, mesmo depois das transformações nas configurações familiares, ao longo da História, algo permanece. Isso porque, mesmo trabalhando fora de casa - como fazem os homens -, são as mulheres quem costumam se responsabilizar mais pelos cuidados com os filhos, inclusive nos estudos; ao passo que os homens parecem ainda preocupar-se mais - quando o fazem - com a educação mais prática e não acadêmica dos adolescentes.

A dita relação de proximidade entre os adolescentes e a figura feminina aparentemente central do seu núcleo familiar (mãe, avó ou tia), e o distanciamento dele do pai dito biológico é uma constante na maioria dos casos desta pesquisa. As referências positivas relacionadas ao universo feminino frente à precariedade das características dos pais ditos biológicos dos adolescentes podem ter contribuído para a formação desses sujeitos e gerado consequências em sua vida escolar. Laura e Mariana são dois exemplos que ilustram bem essa teoria.

A relação muito próxima das adolescentes com as suas mães é um ponto que chama muito a atenção, bem como o afastamento de ambas em relação aos respectivos pais, devido à forma pela qual esses tratavam as mães das adolescentes. A fala de Laura a seguir pode exemplificar essa suspeita:

Eu respeitava meu pai, mas amor por ele mesmo, esse amor de pai que muitos têm, eu não sinto. Ele... eu acho que mais por conta das coisa que ele fazia com a minha mãe, porque pela minha mãe eu tenho um amor incrível por ela. E às vezes ele bebia demais, chegava tonto em casa, gritava com a minha mãe [...]. Isso me matava de raiva, que ela não merecia ouvir isso.

As adolescentes demonstram ter as respectivas mães como exemplos de conduta de vida a serem seguidos. É possível perceber também que as mães em questão apresentam muita influência na vida das filhas, inclusive nos estudos. A fala a seguir pode ilustrar essas conclusões:

Pesquisador - Pelo que eu entendi, a sua mãe te dá conselhos pra não sair muito durante a semana, mas ela não te impede de sair.

Laura - Porque a vida inteira, vamos dizer assim, ela me mostrou o caminho certo e o errado. Aí escolher, eu quem escolhia [...]. Ela não me impedia assim de nada. Ainda mais que eu contei tudo a vida inteira pra ela, o que eu fazia, o que eu deixava de fazer.

Laura e Mariana têm outro ponto em comum: ambas são filhas únicas de suas mães. Esse fato talvez favoreça a forte relação entre elas e suas respectivas genitoras, uma vez que parecem existir poucos rivais nesse relacionamento. De toda forma, o objetivo deste trabalho não é fazer uma análise dos sujeitos, mas tentar entender se existem consequências na vida escolar de adolescentes em virtude das suas configurações familiares - neste caso específico, a partir das relações próximas com as mães dos sujeitos, que parece revelar uma separação procrastinada entre as filhas e suas mães.

Essa questão pode ser observada principalmente na fala de Laura, que parece revelar o poder que sua mãe possui de falar o que a filha é: “*Eu peguei [recuperação] em Matemática. Mas aí eu vim nas aulas de recuperação. Paguei. Só mostrei o resultado, nem preocupei ela com isso. Ela ficou super feliz, porque ela sabe que eu dou conta de resolver os meus próprios problemas.*” Algo parecido parece acontecer com Mariana, como revela a fala a seguir:

Eu nunca fui muito boa em Geografia não. Aí, um dia eu tinha saído mal na prova e ela [mãe] pegou e falou que era pra eu estudar mais, que na próxima eu recuperava. Aí, eu peguei, estudei mais também. E ela tinha razão: eu peguei e recuperei.

Contudo, parece que a relação próxima entre mãe e filha nem sempre apresenta o mesmo resultado. Marcela, por exemplo, possui muitas características parecidas com Laura e Mariana, como a forte influência e apoio de sua mãe em seus estudos, além da dita relação próxima entre a adolescente e sua genitora, e do distanciamento entre a jovem e o seu pai dito biológico.

Outra característica que aproxima Marcela de Laura e Mariana é que, assim como acontece com essas duas, a mãe da primeira parece conseguir dizer o que a filha é: “*Ela [mãe] sabe que eu tenho capacidade. Ela não me cobra nada além do que eu posso.*”

Marcela parece atender ao seu próprio desejo de apresentar um bom rendimento acadêmico, e não se preocupa tanto em atender à mãe, como fazem Laura e Mariana:

Pesquisador - *E o que você acha que influencia pra você ter esse rendimento [escolar satisfatório]?*

Marcela - *A minha meta. Eu mesmo impor pra mim que eu tenbo que alcançar aquilo. Além da minha mãe falar, claro!*

P - *Falar o quê?*

M - *Falar na meta e tal. Talvez de perder um pouco da liberdade do meu namoro [como punição imposta pela mãe quando a aluna não consegue o rendimento acadêmico estipulado por ela]. Tudo influencia um pouquinho. Mas eu acho que do namoro é o que influencia menos. Eu, por mim mesmo, gosto da minha nota alta.*

A aluna afirma ainda que se sente mal quando não consegue atingir a meta escolar que ela mesma estipula para si. Portanto, a aparente separação procrastinada que se observa nos casos de Laura e Mariana não parece se repetir em Marcela, apesar de esta adolescente demonstrar que admira a mãe - pessoa que realmente parece influenciar positivamente a vida escolar da filha. Contudo, Marcela busca atender ao próprio desejo. A fala a seguir corrobora tal suspeita:

A minha mãe adora estudar, sempre procurando fazer curso. Tudo o que você perguntar ela sabe [...]. Então, se fosse pra eu espelhar na minha mãe, eu ia estudar dia e noite [...]. De mim, ela cobra noventa por cento na escola enquanto eu não tiver estudando... enquanto eu não tiver trabalhando. Ai... é porque senão eu perco o direito de algumas coisas [risos]. Eu acho que eu tiro mesmo... Mesmo se ela não cobrasse, oitenta por cento sempre foi a minha meta. Ai, ela cobrando, agora é noventa. Agora, eu falto o dia que eu quiser, venho no dia que eu quiser, faço o trabalho que eu quiser. Eu tendo noventa por cento é isso aí.

Algo peculiar no caso de Marcela é a sua valorização e respeito pelo conhecimento: “*eu gosto*

de coisa nova. De aprender. Eu acho que com cada pessoa que você conversa, você aprende uma coisa nova.”

Portanto, mesmo apresentando contextos familiares próximos, e sendo influenciadas positivamente por suas genitoras, Marcela parece se relacionar com o saber de forma diferenciada daquela feita por Laura e Mariana. A busca por um rendimento escolar satisfatório pela primeira adolescente pode não estar vinculado à necessidade em agradar a sua genitora, mas pelo puro prazer em adquirir conhecimento.

Essas diferenças é apenas uma das múltiplas questões que existem no caleidoscópio formado pela vida escolar de adolescentes e suas configurações familiares, o que se distancia do determinismo contido no discurso que circula no ambiente escolar das escolas brasileiras que relaciona o tipo de configuração familiar dos alunos com seus rendimentos acadêmicos e disciplina escolar.

A partir dos indícios descritos, se faz importante um aprofundamento teórico a respeito da relação entre mães e filhas e, sobretudo, sobre o conceito de *feminilidade*. Birman (2001) lembra que a feminilidade, no discurso freudiano, não estaria diretamente relacionada à sexualidade da mulher, tampouco à do homem. A feminilidade é inerente aos dois tipos de desenvolvimento sexual, contra a qual as sexualidades masculina e feminina travam duro combate. A estruturação de ambas as sexualidades é ordenada pelo falo, e a feminilidade não registra tal operador para o sujeito. Portanto, a feminilidade representa a falta que estrutura o ser falante, da qual todos fogem horrorizados, em um movimento de recusa dessa condição.

Birman (2001) conclui que a feminilidade estaria localizada fora daquilo que o inconsciente é capaz de simbolizar. Ela é, por isso, sem representação-*assim como a pulsão de morte*. Tal aproximação é um dos pontos que horroriza o sujeito

frente à feminilidade. Sobre esta, o inconsciente é capaz de perceber apenas a sua ausência e, dessa forma, revelar a sua inconsistência.

No que diz respeito à relação entre mães e filhas, Freud (1996a), considera que existe uma duração longa e intensa na fase pré-édipiana da menina em relação à mãe, fase na qual os filhos/as estabelecem relações exclusivas com a genitora. Esta é o primeiro objeto de amor das crianças, e, durante a passagem pelo complexo de Édipo, o pai não representa mais do que um rival incômodo - com um grau de intensidade bem menor no caso das meninas, em comparação com os meninos. No caso daquelas, Kehl (2008) salienta que o amor intenso da menina por sua mãe jamais será completamente transferido para o pai.

Sobre a investigação do desenvolvimento sexual feminino, Freud (1996a) marca duas características: a constituição da menina em mulher se dá através de embates, e os momentos decisivos acontecem antes da puberdade. Portanto, no caso de Laura e Mariana, supõe-se que algo dessa relação arcaica entre mães e filhas ainda permaneça, em virtude do intenso sentimento que as adolescentes parecem depositar em suas genitoras.

Nesse sentido, é preciso voltar a atenção para a fase pré-édipiana. Isso porque, segundo Freud: “fica-nos a impressão de que não conseguimos entender as mulheres, a menos que valorizemos essa fase de sua vinculação pré-édipiana à mãe” (Freud 1996a, p. 120). A mãe - nesse momento, tida pela criança como fálica - era o único objeto intensamente amado. Paradoxalmente, o autor revela que as atitudes hostis em relação à mãe, inerentes ao complexo de Édipo, se originam justamente nessa fase.

O amor sem objetivo, ilimitado e incondicional da filha pela mãe encontra barreiras para a sua

exclusividade e, portanto, o desapontamento é uma consequência natural, bem como atitudes hostis em relação à mãe - cujo amor não é direcionado apenas para a criança. Além disso, é com grande decepção que a criança percebe a mãe como castrada.

De qualquer forma, se tais sentimentos negativos em relação às mães são tão fortes nas meninas, o que faz com que Laura e Mariana não se afastem de suas mães, mas ao contrário, pareçam estar intimamente conectadas umas às outras nesta fase de suas vidas, a adolescência? Em outros termos, o que faz com que a “separação sempre adiada” entre mãe e filha aconteça? Na tentativa de encontrar respostas, faz-se necessário um mergulho teórico mais profundo no “continente” feminino.

No que toca ao complexo de castração da mulher, Freud (1987, p. 195) salienta que a menina reconhece a sua falta ao se deparar pela primeira vez com o pênis, e compará-lo com o seu próprio órgão - anatomicamente menor do que o do homem. É nesse momento que se dissolve a organização genital fálica da criança.

Portanto, como no caso dos meninos, as meninas apresentam, durante o seu desenvolvimento, uma organização fálica, o complexo de Édipo, o complexo de castração, bem como a formação do superego e do período de latência. Contudo, esses processos não se desenvolvem da mesma forma para meninos e meninas.

A princípio, o clitóris cumpre o mesmo papel que o pênis. Contudo, a partir do momento em que a menina compara o seu órgão ao do menino, ela se julga inferior a ele e se sente injustiçada por isso. Durante algum tempo, a menina tem a esperança de que ainda irá conseguir um pênis, seja por mérito ou contingentemente. Freud (1987) enfatiza que a menina não relaciona a falta de um órgão tão grande a uma questão de

distinção sexual. Ela acredita que em algum momento do passado já possuía um pênis, mas o perdera por castração. Esta é, pois, a diferença principal entre os complexos de castração dos meninos e das meninas: enquanto aqueles se afligem pelo medo de perder seus pênis, estas aceitam o fato como já consumado.

O complexo de Édipo é abandonado pela menina quando esta percebe que seu desejo de obtenção do falo nunca será realizado. Logo, o pai é tomado como objeto de amor, e a mãe se torna fonte de seus ciúmes. Nesse momento, a menina começa a tornar-se mulher. Contudo, Freud afirma que tal relação entre pai e filha não elimina a relação primária desta com sua mãe - acontece apenas uma prorrogação da separação entre elas. Como lembra André (1987), Freud coloca a questão feminina como um processo de retorno impreterível da relação arcaica da filha com sua mãe, como se o pai, para a menina, nunca conseguisse ser um substituto materno.

Portanto, mesmo que em pequena escala - caso contrário, todas as mulheres seriam psicóticas -, a menina é não toda sujeitada à função paterna, já que ela não consegue apagar a sua relação primeira com a mãe, além de se frustrar na tentativa de identificar-se com o falo imaginário, onde está fixado o desejo materno. A menina ressent-se dos limites impostos pela metáfora paterna. Isso porque a função do pai é introduzir o sujeito na lei do falo, mas esse processo, no caso delas, apenas ressalta a inexistência de simbolização do ser feminino.

O significante do falo é precário, no sentido de representar a feminilidade. Por isso, a metáfora paterna é insuficiente para estabelecer com primazia o lugar sexual da mulher, uma vez que, diferentemente do que acontece com o menino - que percebe o pênis como uma identificação viril do seu sexo -, a menina não encontra um signo que represente o sexo feminino - nem

mesmo por meio de uma possível busca por se identificar à mãe.

Portanto, a menina deve enfrentar essa ausência de significação no Outro, a qual ressalta ainda mais a castração na mulher. Isso porque, além de não possuir o falo (assim como o menino), não possui algo que possa significá-lo (como o pênis). Portanto, a identidade feminina, como lembram André (1987), Pereira (2003) e Neri (2005), é marcada por uma dupla falta: a do significante da feminilidade e a do falo.

Por isso, conforme André (1987), o desenvolvimento sexual feminino é demasiadamente embaraçoso, pois, ao mesmo tempo em que a menina deve, pela entrada no complexo de Édipo, odiar a mãe, deve também identificar-se com ela para encontrar o lugar feminino em sua relação com o pai. Tal ambivalência de sentimentos da filha pela mãe reafirma que o Édipo feminino é mais complexo do que o masculino. Isso porque, no caso do menino, a identificação é feita exclusivamente pelo pai e, por isso, a mãe pode permanecer como objeto de amor; ao passo que a menina deve, ao mesmo tempo, rejeitar a mãe e identificar-se com ela, para encontrar seu lugar sexual.

Sobre o tema da relação entre mãe e filha, Freud afirma que

O afastar-se da mãe, na menina, é um passo que se acompanha de hostilidade; a vinculação à mãe termina em ódio. Um ódio dessa espécie pode tornar-se muito influente e durar toda a vida; pode ser muito cuidadosamente supercompensado, posteriormente; geralmente, uma parte dele é superada, ao passo que parte restante persiste. (Freud 1996a, p. 122).

É nesse contexto que surge o termo laciano de *devastação*, isto é, uma relação passional cuja resolução entre os envolvidos não encontra outra saída além da ruptura. Sobre a relação entre a menina e

sua mãe, esse conflito resulta em uma separação sempre adiada. Nos casos de Laura e Mariana, o que parece ocorrer é justamente um tempo maior do processo de separação entre elas e suas genitoras, uma relação, portanto, alongadamente incestuosa, entre mães e filhas - o que parece gerar consequências na vida escolar dessas alunas.

Neste sentido, a aposta é a de que as adolescentes mantenham uma relação arcaica com suas genitoras, numa espécie de separação adiada e, por isso, querem deixá-las satisfeitas por meio de suas atitudes. Isso teria como resultados o tipo de rendimento escolar satisfatório apresentado pelas alunas, bem como o comportamento dentro das normas escolares. Talvez tais condutas não sigam o caminho do desejo das adolescentes, mas sim a tentativa de satisfazer o desejo da mãe (de ter uma filha com bom rendimento escolar), uma vez que, supostamente, essas meninas continuariam em uma ligação incestuosa com suas genitoras.

Conclusões

Kehl (2008) lembra que, sob o ponto de vista freudiano, a separação entre mãe e filha - embora ainda mantenha uma dose considerável de identificação da segunda pela primeira - é um destino da feminilidade e representa a constituição da mulher feminina. Laura e Mariana, conforme o convencionalmente esperado, pode revelar algum desvio nesse processo, por aparentemente relacionar-se com a delonga dessa separação.

O dito desvio parece ter se tornado a regra, conforme estudos de Vorcaro e Ferreira⁶. Laura

e Mariana, nesse contexto, podem apontar para um modo emblemático de constituição da subjetividade dos jovens na contemporaneidade, a partir de certa manutenção de relações arcaicas, incestuosas ou narcísicas, garantidas pela sexualidade perverso-polimorfa da infância, cuja satisfação é de mais fácil acesso, além de ser instantânea e fantasiosa, com o objeto sexual; em vez de uma satisfação real, que exigisse demanda de energia e adiamento.

Sobre esse assunto, as autoras lançam a hipótese da “supressão da latência”, isto é, aquele período de tempo (latência) em que a sexualidade infantil-pré-edípica e falocêntrica - cederia terreno para uma sexualidade genital ou objetal. Portanto, o que parece ser possível perceber atualmente é uma espécie de alongamento ou superposição do gozo infantil, obscurecendo ou adiando a entrada do adolescente na sexualidade objetal.

Somam-se a isso as suposições de Pereira *et. al* de que, após as transformações sexuais e comportamentais, iniciadas na década de 1960, juntamente com o declínio da imagem do pai, há o deslocamento dos reguladores sociais tradicionalmente estabelecidos (escola, professores, pais, etc.) para novos reguladores inéditos, como o consumo e as relações virtuais. Portanto, o “desligamento do pai” referido por Freud tem sido aparentemente deslocado para um tipo de separação sempre adiada entre filhos/as e mãe. Laura e Mariana seriam, assim, exemplos típicos desse deslocamento e procrastinação, uma vez que uma fase arcaica do desenvolvimento subjetivo das adolescentes parece não ter sido abolida, servindo-lhes de suporte à fase seguinte.

6 Tais estudos foram relatados por Ângela Vorcaro, sob o título “Psicologia e desafios atuais no campo da educação: entre o capricho e o anonimato, quem são os pais de hoje?”, No. 9º Colóquio Internacional do LEPSI / 4º RUEPSY | Retratos do mal-estar contemporâneo na educação, na USP/SP, em 2012. Inédito (mimeo).

7 “L’illettrisme au Brésil et ses relations avec la délinquance et la psychanalyse”: título da conferência proferida pelo prof. Marcelo Ricardo Pereira no Séminaire international: la littérature pour prévenir et lutter contre les situations d’illettrisme dans l’océan indien, da Universidade da Ilha da Reunião (FR), em 23/05/2013. Inédito (mimeo).

No caso dessas alunas, portanto, acredita-se também que-sobretudo por questões que envolvem a sexualidade feminina e, em especial, a feminilidade-o fato de elas demonstrarem a necessidade de agradar e atender aos desejos de suas respectivas mães configurou-se na permanência delas em uma posição de suposto falo materno, no sentido de tentarem se fazer desejadas no momento em que procuram atender ao desejo das genitoras (no caso dessas adolescentes), ou na manutenção da sexualidade infantil perverso-polimorfa.

O estudo dos casos de Laura e Mariana parece revelar, portanto, a existência de um novo padrão estruturante da adolescência contemporânea, no que se refere ao confronto dos sujeitos-independente do gênero-frente ao horror da feminilidade. Nesse sentido, a aposta é a de que a separação sempre adiada entre filhos/as e mães tenha sido cada vez mais procrastinada, bem como o fato de que o embate da feminilidade vem se tornando mais importante do que a função paterna na constituição dos adolescentes contemporâneos.

Nesse sentido, percebe-se que o sistema escolar pode contribuir mais para o aumento dos problemas vivenciados em seu próprio ambiente do que a forma como a família dos estudantes é composta. Isso porque, a partir da análise das entrevistas realizadas com os sujeitos dessa pesquisa, o currículo escolar parece localizar-se fora da realidade e interesse dos alunos; os recursos didáticos disponíveis aos professores demonstram-se precários; bem como a formação docente, em especial no sentido de preparar minimamente os profissionais para trabalharem com os adolescentes supostamente cada vez mais infantis, sob o ponto de vista da sexualidade.

O sistema escolar, portanto, encontra dificuldade em interrogar as variantes sociais, como as relacionadas ao sexo, gênero e feminilidade. Por isso, parece que parte de seus profissionais preferem recorrer às questões fora desse âmbito - como a que relaciona diretamente o tipo de configuração familiar e a vida escolar de adolescentes - na tentativa de manter o seu *status quo* e explicar o fracasso escolar de seus alunos.

Referências

- André, S. (1987). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Zahar.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e as suas formas de subjetivação em psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, J. F. (2004). *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, S. (1996a). Sexualidade feminina. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996b). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1987). A dissolução do complexo de Édipo. *Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1976). Por que a guerra? *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1975). Moisés e o monoteísmo. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1974). Totem e Tabu. *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago.
- Kehl, M. R. (1996). *A mínima diferença: masculino e feminino na cultura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (2005). *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: J. Zahar.
- Lacan, J. (1999). *Escritos*. São Paulo: Perspectiva.
- Melman, C. (1999). O que é um adolescente? In *Congresso Internacional de Psicanálise e suas conexões. Adolescente e a modernidade* (pp. 21-36). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Melman, C. (1997). Os adolescentes estão sempre confrontados ao minotauro. In A. Jerusalinsky (Ed.), *Adolescência - entre o passado e o futuro* (pp. 29-43). Porto Alegre: Artes e Ofícios.

Neri, R. (2005). *A psicanálise e o feminino: um horizonte da modernidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Pereira, M. R. (2003). *O avesso do modelo: bons professores e a Psicanálise*. Petrópolis: Vozes.

Rassial, J. J. (1999). *O adolescente e o psicanalista*. Tradução: Lêda Mariza F. Bernardino. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Roudinesco, E. (2003). *A Família em desordem*. Rio de Janeiro: J. Zahar.